

## Manhã

Por trás da parede de argila, no meio de um sono inquieto, oiço um andar pesado e o estalejar da ramagem seca...

Mais uma vez, quem está a empurrar a minha cerca é a *Tamarka*, a bela vaca de Simmental, branca, com manchas ruivas, arrimo da família que vive na colina acima de mim. Todos os dias, perto de três garrafas de leite, espumoso, quente, a cheirar a vaca viva! Quando o leite levanta fervura, começam a brilhar as chispas douradas de gordura e forma-se a nata...

Não vale a pena pensar nestes disparates. Porque se metem na cabeça da gente?

Portanto, uma nova manhã...

Pois é, tive um sonho... um sonho estranho sobre o que é impossível na vida.

Durante todos estes meses, tenho tido sonhos luxuosos. Porque será? A minha realidade é tão mísera... Palácios, jardins... Milhares de quartos — não, quartos não, mas salas pomposas dos contos de Xehrazade, com lustres de luzes azuis, luzes do outro mundo, com mesas de prata peçadas de flores — do outro mundo. Eu ando pelas salas, à procura...

Quem procuro com grande tormento, isso não sei. Com angústia, com ansiedade espreito pelas janelas enormes: para lá delas há jardins, com clareiras, com pequenos vales verdes, como nas telas antigas. Parece que o sol brilha, mas não como o nosso sol... a luz é como que subaquática, da cor pálida da folha de Flandres. E por todo o lado há árvores em flor, do outro mundo: lilases muito altos, cam-

pânulas pálidas e rosas desbotadas... Vejo pessoas estranhas. Caras sem vida, vestes descoradas, como nos ícones, andam e não param de andar pelas salas, olham também pelas janelas. Qualquer coisa me diz — sinto-o com uma dor agonizante — que passaram por coisas terríveis, que lhes fizeram mal, e agora estão fora da vida. Já são do outro mundo... E uma insuportável mágoa caminha ao meu lado por essas salas, tão sumptuosas que metem medo...

Estou contente por ter acordado.

Claro que é ela, a *Tamarka*. Quando o leite levanta fervura... Não penses no leite. O pão de cada dia? Temos farinha para mais alguns dias... A farinha está bem escondida em vários buracos, ficou perigoso guardá-la à vista: podem vir de noite... Na horta há tomates, são ainda verdes, sim, mas daqui a pouco amadurecem... e uma dezena de maçarocas, e a abóbora está a germinar... Chega, não penses!...

Não me apetece nada levantar! Sinto uma quebreira no corpo todo, e ainda tenho de ir aos barrancos cortar raízes de carvalhos. Mais um dia, e sempre a mesma coisa!...

Mas o que é isto, a *Tamarka* na cerca!... Funga, puxa os ramos que fazem um som de chicote a estalar... trinca a amendoeira! Agora vai pôr-se em frente do portão e, depois, vai empurrar a cancela. Parece que não me esqueci de a trancar bem com uma estaca... Na semana passada a *Tamarka* conseguiu dar cabo dela com estaca e tudo, arrancou-a dos gonzos, à hora em que toda a gente dormia, e devorou metade da horta. Pudera, é a fome... Em casa dos Verba, lá em cima, não há feno, há muito que o sol queimou as ervas, restam apenas uma carpa-europeia roída e pedras. A *Tamarka* tem de vaguear até alta noite, procurando o que comer nos barrancos fundos, nos matagais cerrados. E ela vagueia, vagueia por todo o lado...

Seja como for, é necessário levantar-me. Que data é hoje? O mês é agosto. Ora, o dia... As datas já são inúteis, o calendário também. Em prisão perpétua, tanto nos faz! Ontem chegou da vila o repicar dos sinos... Colhi uma maçã *calville* verde e lembrei-me: a Transfiguração! Estava ali parado no barranco, com a maçã... Levei-a para casa e pu-la na varanda. Transfiguração... A *calville* está lá na varanda, com base nela podemos contar os dias, as semanas...

É preciso começar o dia, fugir dos pensamentos, entrar na rodaviva da rotina de maneira a que possa dizer a mim próprio: matei mais um dia!

Como um grilheta condenado à perpétua, visto com movimentos fatigados os meus farrapos, o meu querido passado esfrangalhado nos matagais. É preciso andar todos os dias pelos barrancos, trepar as escarpas com o machado em punho: juntar lenha, o combustível para o inverno. Para quê, não sei. Para matar o tempo. Dantes sonhava tornar-me um Robinson Crusoe — e tornei-me. Pior do que ele. O Robinson tinha um futuro, uma esperança: de repente lá surgiria um ponto no horizonte! Nós não teremos ponto nenhum, nunca. Mesmo assim, tenho de ir à lenha. Passaremos as longas noites de inverno em frente do fogão, olhando para as chamas. No meio do fogo surgem por vezes as visões... O passado acende-se e apaga-se... O monte dos chamiços cresceu muito durante as últimas semanas, estão a secar. Precisamos de mais, ainda precisamos de mais. Vai ser uma alegria cortá-los no inverno! Os galhos vão estalar, quebrar-se, saltar facilmente! É um trabalho para todo o dia. É preciso aproveitar o bom tempo. Agora está bom, quentinho, posso andar descalço, ou com tabuinhas atadas aos pés, mas quando soprarem os ventos do lado do Tchatirdag e começarem as chuvas... Pois, aí já vai ser difícil andar pelos barrancos.

Visto os farrapos... Um trapeiro rir-se-ia deles, enfiava-os logo no saco. O que é que percebem os trapeiros? São capazes de agarrar com o croque numa alma viva e trocá-la por cobres. Fazem cola — para o futuro — dos ossos humanos, com o sangue preparam os cubinhos para a canja... Hoje em dia os trapeiros, renovadores da vida, sentem-se à vontade! Remexem na vida com os seus croques de ferro.

Os meus farrapos... Concentram-se neles os últimos anos da minha vida, os últimos dias, o último carinho de um olhar... Não, não hão de cair nas mãos de um trapeiro. Vão definhar ao sol, perecer à chuva e ao vento, nos arbustos espinhosos dos barrancos, nos ninhos das aves...

É preciso abrir os contraventos. Vamos lá ver como está hoje a manhã...

Mas como é que pode estar a manhã em plena Crimeia, à beiramar, no início de agosto?!... Cheia de sol, é natural. De um sol tão

deslumbrante e sumptuoso que o mar faz doer os olhos, pica-os, esfaqueia-os.

Basta abrir a porta e logo bate e se derrama nos olhos piscos, na cara frouxa e mirrada, a frescura noturna penetrada pelo sol, frescura das florestas dos montes, dos vales dos montes, a especial frescura da Crimeia, saturada de amargura, refundida nas físgas das montanhas, arrancada das pastagens de Iaila<sup>1</sup>. Sopram as últimas ondas do vento noturno, daqui a pouco vai soprar o do mar.

Olá, manhã querida!

No barranco de declives em forma de selha, lá onde fica a vinha, ainda há sombra, frescura, o ar é cinzento; mas a ladeira oposta já brilha em vermelho-rosa, como cobre novo, e as copas das jovens pereiras, abaixo das videiras, banham-se num lustro encarnado. São lindas, estas jovens! Ataviaram-se, puseram um toque de ouro, enfeitaram-se com os pesados colares de peras *marie-louise*.

Passo-lhes revista com os olhos, preocupado... Estão intactas! Passaram mais uma noite sem problemas. Não é avareza, é o nosso pão amadurando, o pão-nosso.

Montes, a vós saúdo também!

Perto do mar, o pequeno monte Castel, uma fortaleza por cima das vinhas de uma fama que tropeja até longe. Medra lá o Sauternes dourado, sangue claro do monte, e o espesso Bordéus com cheiro a marroquim e a passas de ameixa — e a sol da Crimeia! —, o sangue escuro. O Castel protege as suas vinhas do frio, aquece-as de noite com o seu calor. Agora está de chapéu rosado, escuro no sopé, todo coberto de floresta.

À direita, mais longe, ergue-se um muro vertical, o desnudo Kuch-Kaia, cartaz montanhoso. De manhã é cor-de-rosa, perto da noite é azul. Absorve tudo, vê tudo. Uma mão desconhecida escreve em cima dele... Fica a muitas verstás, mas é perto, estendes a mão e já lhe tocas: basta saltares o vale, em baixo, e as elevações, tudo coberto de pomares, vinhas, florestas, barrancos. No meio deles, o caminho invisível dispara uma nuvem de poeira: é um automóvel que corre para Ialta.

Ainda mais à direita, é o gorro felpudo do Babugan florestal. De manhã tem um matiz de ouro, o resto do tempo é de um negro cerrado. Vê-se a cerda de pinhais quando o sol se derrete e treme por trás deles. É de lá que vem a chuva. É para lá que vai o sol.

Parece-me, não sei porquê, que a noite desliza pelo negro Babugan abaixo...

Não penses na noite, nos sonhos enganosos, em que tudo é de outro mundo. De noite, os sonhos vão voltar. A manhã dissolve os sonhos: ei-la, a verdade nua, debaixo dos teus pés. Vá, recebe-a com uma prece! A manhã abre horizontes...

Não olhes para o horizonte: o horizonte é enganoso como os sonhos. Seduz e, depois, não dá nada. Há nele muito azul, muito verde e dourado. Não precisamos de contos de fadas. Ei-la, a verdade, debaixo dos teus pés.

Sei que nas vinhas abaixo do Castel não haverá uvas, que as casinhas brancas estão vazias, que pelas elevações florestais foram dissipadas muitas vidas humanas... Sei que a terra se impregnou de sangue e que o vinho vai sair rascante e não providenciará o delicioso esquecimento. O muro cinzento do Kuch-Kaia, visto de perto, tem o ferrete do terrível escrito no seu corpo. Chegará a altura e será lido...

Já não olho para o horizonte.

Lanço os olhos por cima do meu barranco. É lá que estão as minhas amendoeiras. Por trás delas é um descampado.

Uma pedregosa nesga de terra, que ainda há pouco esperava viver, está agora morta. Cornos negros de videiras: as vacas carcomeram as vides. As chuvas inverniais sulcam carreiros na terra, traçam rugas. Um cardo-corredor, já amputado das raízes, espeta-se, imóvel: vai andar por ali aos saltos mal soprar a nortada. Uma velha pereira tártara, torta e cheia de ocos, tem florescido e secado anos a fio, tem espalhado à sua volta, durante anos e anos, as melosas e amarelas peras *buzdurkhan*, sempre à espera de quem lhe suceda. A sucessão nunca mais vem. Então, teimosa, ela continua à espera, enche o fruto de seiva, floresce e seca. É nela que fazem as suas emboscadas os açores, é nela que os corvos gostam de se baloiçar durante a tempestade.

Ora, aquilo é uma belida no olho, um aleijão. Outrora era a Montanha da Luz, casa de campo de uma professora de Ekaterinoslav. Está toda cambada. Há muito que os ladrões a pilharam, partiram os vidros, e a casa ficou cega. O estuque cai, as costelas estão à vista. Mas os trapos que um dia foram ali pendurados para secar ainda